



É O DIÁRIO FILOSÓFICO UMA POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA EM TEMPOS SOMBRIOS?

Márcio Nicodemos
NEFI/ProPEd/UERJ

RESUMO: O artigo propõe a reflexão sobre uma possibilidade de resistência em tempos sombrios por meio da escrita de diário filosófico. Para isso, em um primeiro momento intitulado “Sobre(viver) e pensar em tempos sombrios...” busca pensar o que é viver/ falar/ pensar em tempos sombrios; em um segundo momento intitulado “Há uma possibilidade de resistência?” busca pensar de onde poderia vir a inspiração para resistir em tempos sombrios; e em um terceiro momento intitulado “Escrever um diário filosófico!” busca pensar como poderia vir a ser uma escrita de resistência em tempos sombrios. Trata-se de um estudo de natureza teórica feito por meio de investigação conceitual em fontes bibliográficas diversas.

Palavras-chaves: Filosofia; Resistência; Tempos sombrios.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the possibility of resistance in dark times through the writing of a philosophical diary. For this, in a first moment entitled "About living and thinking in dark times..." it seeks to think what it is to live / talk / think in dark times; in a second moment entitled "Is there a possibility of resistance?" seeks to think about where inspiration could come from in order to resist in dark times; and in a third moment entitled "To write a philosophical diary!" it seeks to think about how could be a writing of resistance in dark times. This is a theoretical study carried out through conceptual research in many bibliographic sources.

Keywords: Philosophy; Resistance; Dark times.

*Quando as sombras avançam
na estrada é preciso aldear.*

(Caderno de Andarilho, Manoel de Barros)

(Sobre)viver e pensar em tempos sombrios...

O poeta Bertholt Brecht em seu poema *Aos que vierem depois de nós* escreve no primeiro verso “Realmente, vivemos tempos sombrios!” e nos versos seguintes descreve um mundo turbulento de acontecimentos terríveis em que o ódio, a guerra, a solidão e a fome fazem as pessoas perderem a esperança de uma vida inocente de semblante leve e de riso fácil - ele descreve a vida das pessoas em meio aos horrores da política fascista alemã de Hitler no século XX, mas não poderíamos pensar que ele está descrevendo o nosso mundo e a nossa vida hoje, aqui e agora? O Brasil sob a necropolítica de Bolsonaro no século XXI está vivendo, sem dúvida, tempos sombrios: o ódio possui um gabinete que organiza sua disseminação por meio de *fake news*, a guerra é uma ameaça iminente na macropolítica e na micropolítica é uma realidade em que forças policiais e militares, milícias e facções se enfrentam nas ruas à luz do dia, a solidão existe para os confinados em seus lares que vivem sem ninguém ou para os isolados em alas de hospitais que morrem sem ninguém por causa da pandemia do coronavírus, a fome é realidade para os que insistem em sobreviver desempregados ou em empregos de condições precárias e nas ruas a cara é fechada e o luto é constante.

Seja lá, ontem, seja aqui, hoje, viver em tempos sombrios é um desafio de resistência que não se enfrenta sem se pagar algum preço. A voz fica rouca, dizia Brecht, mas não poderíamos supor que também o pensamento que viaja nessa voz fica igualmente rouco, pesado, próximo demais ao chão, difícil, trilhando caminhos com tropeços e tombos, feio, de algum modo assustador? Durante a vigência do regime nazista e no período pós-guerra, houve na Alemanha o surgimento de todo um pensamento em torno da discussão do que fazer frente a todo o horror e que tentava dar conta de uma tarefa de (auto)crítica, de ler e reler os fundamentos, desdobramentos, limites e possibilidades ético-políticos dos acontecimentos que se deram de modo que eles não se repetissem jamais.

Nas artes, na literatura, na filosofia, temos inúmeros exemplos: a própria poesia *Aos que vierem depois de nós* de Bertholt Brecht, a prosa de *É isto um homem?* de Primo Levi, a argumentação em *Educação e emancipação* de Theodor Adorno - exemplos de vozes roucas com um pensamento rouco. Por um lado, rouco porque pesado, difícil e feio, como já foi dito, por outro lado, rouco porque é incômodo. Brecht, Levi e Adorno incomodaram com suas vozes e pensamentos roucos toda uma geração e gerações posteriores que não podiam deixar de ouvi-los e até hoje não sabem se um dia poderão. Nós, aqui e agora, no Brasil pandêmico de Bolsonaro, também temos nossos poetas, romancistas e filósofos de voz e pensamento roucos e devemos ouvi-los se quisermos empreender a mesma tarefa de auto(crítica) frente ao horror que vivemos para que ele tenha um fim e nunca mais se repita.

A filósofa Hannah Arendt tomou emprestada de Brecht a expressão que vai no título de seu livro *Homens em tempos sombrios* em que ela relata a vida de diversas pessoas que viveram e resistiram ao nazi-fascismo em um período histórico socialmente convulsivo envoltas por complexos problemas éticos e políticos. Diz ela que “mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra” (ARENDDT, 2008, p. 9). A luz incerta, bruxuleante e fraca é aquela que brilha a partir das vidas que criam obras que se expressam por meio de uma voz e têm origem em pensamentos roucos.

Aqui no Brasil há um poeta, prosador e pensador que relata os tempos sombrios que vivemos com essa voz, pensamento e luz roucas: Mano Brown. O conhecido *rapper* brasileiro nascido na periferia de São Paulo e integrante do grupo Racionais MCs que canta seu canto rouco de tristeza e esperança denunciando toda a violência cotidiana, a miséria econômica, a corrupção política, as injustiças sociais e as possibilidades de resistência em sua arte-pensamento. O premiado disco do grupo *Sobrevivendo no inferno*, de 1997, traz a famosa música *Diário de um detento*, composta por Mano Brown e Jocenir Prado, baseada no romance homônimo deste último, que narra, em geral, a vida na prisão e, especificamente, o terrível massacre do Carandiru. A letra da música tem logo em seu início o verso “você não sabe como

NICODEMOS, Marcio

É o diário filosófico uma possibilidade de resistência em tempos sombrios?

é caminhar com a cabeça na mira de uma HK” (fazendo referência ao dia a dia do detento que tem constantemente um fuzil produzido pela empresa alemã Heckler & Koch e portado pelos agentes prisionais apontado para sua cabeça) e, perto do término, o verso “mas quem vai acreditar no meu depoimento?” (RACIONAIS MC’S, 1997, 2018).

Muitas são as perguntas que nos atravessam entre um verso e outro ao longo da música: Como vive/ fala/ pensa alguém que está em tal situação de vulnerabilidade? Como vive/ fala/ pensa alguém que está em tal cenário de exclusão e violência? Quais as questões mais importantes pra alguém que vive sob constante ameaça de tortura e morte? Quem as inspira e quem elas inspiram? Por quais caminhos vai a sua vida/ fala/ pensamento? E tantas outras, mas, enfim, resumindo e parafraseando Mano Brown: como é viver/ falar/ *pensar* com a cabeça na mira de uma HK? E poderíamos, nesse momento, também acrescentar à pergunta a sentença “em meio a uma pandemia”, reformulando-a para: “você sabe como é viver/ falar/ pensar com a cabeça na mira de uma HK em meio a uma pandemia?”, ou, simplesmente, “você sabe como é viver/ falar/ pensar em tempos sombrios?” - e, caso saiba, “quem vai acreditar nessa vida/ fala/ pensamento?”

Há uma possibilidade de resistência?

Em 2020, Mano Brown se manifestou publicamente dizendo que sentia impotência, raiva e esperança frente ao descaso do governo Bolsonaro na gestão dos problemas sociais e da pandemia que os brasileiros enfrentam em suas vidas nesses tempos sombrios (MANO BROWN, 2020)¹. É curioso notar que os três termos mencionados por ele sejam referentes a afetos muito presentes na vida das pessoas que habitam o local por ele cantado (ecoado?) que, talvez, atualmente, viva a noite mais escura do tempo mais sombrio. Talvez, possamos aprender algo por meio da voz, do pensamento e da luz roucas que emanam de relatos do cárcere para inspirar uma resistência possível em todos os lugares...

¹ Texto na rede social Instagram originalmente publicado dia 20 de maio de 2020 em https://www.instagram.com/p/CAaiki5n_Rv/ e replicado dia 22 de maio de 2020 em <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/mano-brown-dispara-e-revela-raiva-de-bolsonaro-faz-piada-em-cima-de-11-mil-mortes-por-dia/>

De lá, cartas roucas registram e expõem que há a impotência de se conseguir um tratamento de saúde médico, odontológico ou psicológico adequado ou de se obter uma assistência jurídica devida; que há a raiva que surge de ser vítima de coação, de ser acusado e castigado injustamente; mas que também há a esperança de mudar de comportamento e de se construir uma outra vida possível (BARROS; SILVA; BARROS, 2019 e PIRES; FREITAS, 2018). De lá, diários roucos registram e expõem que há o ódio vivido e reproduzido desde sempre; que há uma guerra em curso da qual não se pode fugir; que há a solidão dos que estão longe daqueles que amam; que há o desespero dos dias e noites intermináveis; que há a tristeza dando o tom de tudo o que acontece; mas que também há a vontade de viver além das grades em liberdade (LIMA, 2001; PRADO, 2001; MENDES, 2009; MENDES, 2017; LOURENÇO, 2018). Lá, há luz, há pensamentos e vozes... roucas!

Cartas e diários, muitas vezes, são os únicos meios de comunicação para quem está preso e é por meio de sua escrita que muitos registram e expõem suas vidas, suas crenças, seus valores e seus desejos a familiares, amigos, advogados, juízes, professores, políticos... E esta não é uma tarefa fácil: não apenas num sentido prático, porque não é tão fácil conseguir folha de papel e caneta, ou encontrar um tempo e espaço tranquilos para tal atividade; mas também num sentido teórico, porque não é tão fácil fazer de algum modo um trabalho de memória e verdade, muito pelo contrário, é tarefa, como já foi dita, pesada, difícil, feia e incômoda - é tarefa rouca.

A filósofa Jeanne Marie Gagnebin nos diz que memória e verdade estabelecem uma relação difícil não por ser essa uma relação primeira de adequação entre palavras e fatos, mas por ser essa uma relação primeira de uma “ética da ação presente”, ou seja, a rouquidão das vozes que emanam do cárcere em cartas e diários vêm não da preocupação apenas de se narrar o que “de fato” acontece ou aconteceu, mas da preocupação de se posicionar ética e politicamente frente ao que acontece ou aconteceu.

Em seu ensaio *Verdade e memória do passado*, ela relata que as teses revisionistas em relação ao holocausto judeu foram um resultado pensado de uma estratégia nazista que pretendia não deixar nenhuma prova possível desse acontecimento terrível: isso incluía não apenas destruir os instrumentos (câmaras de gás e fornos crematórios) utilizados para tal, mas também os registros (fichas,

NICODEMOS, Marcio

É o diário filosófico uma possibilidade de resistência em tempos sombrios?

relatórios, arquivos) e os próprios corpos dos prisioneiros que testemunhavam indubitavelmente o horror. Essa ausência concreta de provas resulta na “ausência da palavra” dos sobreviventes, diz ela, que se tornam “duplamente inenarráveis”. Desse modo, muitos prisioneiros dos campos de concentração tinham medo de que ninguém, nem mesmo seus familiares e amigos, acreditassem em seus depoimentos e, por isso, não relatavam o horror que viviam ou viveram (GAGNEBIN, 2006, pp. 39-47).

É interessante pensar se o governo Bolsonaro, em sua gestão da miséria e da pandemia, no Brasil, não está procedendo do mesmo modo, visando tornar inenarráveis os tempos sombrios que vivemos: promover a disseminação de *fake news* que propagam a desinformação sobre políticas públicas de saúde entre a população pobre (e também a população carcerária) e colocam todos em risco de vida; promover uma guerra fictícia às drogas que encarcera e extermina principalmente jovens, pretos e pobres, e tem seus bordões “cadeia não é hotel” e “bandido bom é bandido morto”; promover a morte com a negação de protocolos de segurança e o fechamento de hospitais de campanha das forças armadas; promover um estado de melancolia permanente, devido à impossibilidade de realização de um trabalho de luto, que resulta em uma apatia generalizada em que muitas vezes a palavra também é perdida... Não é isso, também, uma estratégia genocida pensada e em curso?

O que podemos aprender sobre resistência em tempos sombrios a partir das cartas e dos diários do cárcere, então? Por um lado, poderíamos pensar que podemos aprender que escrever, enquanto expressão viva de uma voz e de um pensamento pode emanar uma luz inspiradora para a luta contra um esquecimento programado, na medida em que é o assumir de uma tarefa ética e política essencial de narrar o inenarrável para “lutar contra o esquecimento e a denegação [que] é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)” (GAGNEBIN, 2006, p. 47); por outro lado, poderíamos pensar que podemos aprender que não apenas o autor da carta ou do diário do cárcere é um testemunho do horror vivenciado, mas o leitor também o é, pois, como nos diz a filósofa Jeanne Marie Gagnebin em seu ensaio *Memória, história, testemunho*:

testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, (...) a testemunha direta. Testemunha também seria aquele

que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Assim como a literatura de testemunho do cárcere² nos oferece a possibilidade de rememorar o passado, evitar sua repetição e construir um novo presente, porque “mais do que narrar um confinamento prisional, define-se pela presença de um testemunho de uma experiência carcerária” (MARTINS, 2013, p. 193), em que nós também tomamos parte, podemos pensar que a produção de testemunho de uma literatura de tempos sombrios pode nos oferecer a mesma possibilidade: ao rememorar e problematizar os horrores vividos contemporaneamente (inclusive os horrores do encarceramento) por meio de narrativas não-oficiais, pode ser possível elevar o pensamento e levantar a voz por questões pesadas, difíceis, feias, incômodas, mas que emanam uma luz... rouca, como meio de resistir a uma política de morte e promover uma política de vida.

O professor Aulus Mandagará Martins, em seu artigo *O corpo e a voz da prisão: testemunho e experiência na literatura de cárcere*, aponta que toda a literatura de cárcere brasileira produzida recentemente encontra dois grandes problemas quando são postas a público: seus autores são pessoas comuns que cometeram crimes comuns, não são escritores profissionais. Desse modo, os relatos produzidos não são relatos de homens extraordinários presos por feitos extraordinários: não são relatos de artistas famosos, de intelectuais renomados, de políticos perseguidos, em luta contra um estado totalitário, por exemplo. São relatos de pessoas ordinárias presas por feitos ordinários, são desempregados, estudantes e trabalhadores de todo tipo, acusados de furto, roubo, tráfico e homicídio, por exemplo. Essas mesmas pessoas, também, não escrevem como um Caetano Veloso em *Narciso em Férias*, ou um Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*, ou um Fernando Gabeira em *O que é isso companheiro?*, com correção e estilo. São pessoas que tiveram, muitas vezes, uma educação precária para quem o empreendimento da escrita demanda grande esforço.

² A literatura de testemunho do cárcere está sendo compreendida aqui como toda e qualquer produção “no”/ “sobre” o cárcere, seja “real” ou “fictícia”, como, por exemplo, poesias, romances, cartas, diários, depoimentos, etc. (cf. MARTINS, 2013, p. 193) produzida, contudo, no horizonte teórico em que memória e verdade se relacionam para o não-esquecimento do passado que evita sua repetição e aponta para a construção de um novo presente (cf. GAGNEBIN, 2006).

Deste modo, o texto apresenta-se ao público sem uma marca legitimadora importante, que se reduplica, ainda, no fato de ser a narrativa de uma experiência aparentemente ‘menor’, ou seja, sem a dimensão histórica que o texto de um preso político por si só teria (MARTINS, 2013, p. 198).

É interessante pensar que justamente os dois problemas apontados pelo autor e que transformariam o texto do relato da literatura de cárcere em algo “menor” possam conter a potência que precisamos para inspirar uma possível resistência por meio de uma literatura de tempos sombrios. Os filósofos Deleuze e Guattari em sua obra *Kafka - por uma literatura menor*, analisam a obra do escritor judeu-tcheco e propõem exatamente o conceito de *literatura menor*. Dizem eles que “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 25), se referindo às obras produzidas por aqueles judeus que estavam no território da cidade de Praga durante a ocupação alemã nazista. Poderíamos pensar se os relatos da literatura de cárcere não são, também, do mesmo modo, uma literatura menor, visto que também são obras produzidas por uma minoria estigmatizada e excluída, a população carcerária, feitas em uma língua maior, o português... Para isso, talvez seja interessante, analisar as três características que, segundo Deleuze e Guattari, uma literatura menor possui: nela há uma desterritorialização da língua; nela tudo é político; e nela tudo é coletivo.

Nela há uma desterritorialização da língua: na literatura menor a desterritorialização da língua se dá na medida em que ela sofre modificações profundas e deslocamentos irreversíveis em sua expressão devido a circunstâncias temporais e espaciais específicas. Os escritores judeus-tchecos engendraram uma desterritorialização da língua alemã conforme enfrentavam três impossibilidades para escrever “a impossibilidade de não escrever, a impossibilidade de escrever em alemão, e a impossibilidade de escrever de outra maneira” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.25). A população carcerária também enfrenta, *mutatis mutandis*, as três impossibilidades para escrever mencionadas: a impossibilidade de não escrever, dado que escrever cartas e diários pode ser o único modo de se comunicar com o mundo além das grades e de relatar o que se passa no mundo atrás das grades; a impossibilidade de escrever em português, dado que a maioria possui ensino fundamental incompleto (sem práticas de leitura ou escrita cotidianas); e a impossibilidade de escrever de outra maneira, dado que, apesar de todas as

NICODEMOS, Marcio

É o diário filosófico uma possibilidade de resistência em tempos sombrios?

dificuldades, esta é a única maneira possível de se expressar para essas pessoas visto que é a única língua que conhecem. Tanto na língua alemã utilizada pelos escritores judeus-tchecos na ocupação nazista como na língua portuguesa escrita utilizada pela população carcerária há o uso de uma língua que é desterritorializada, pois é “própria a estranhos usos menores” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26).

Nela tudo é político: na literatura menor as histórias individuais relatam questões psicológicas que não se desenrolam de maneira solitária, mas estabelecem conexões com questões políticas em seus desdobramentos sociais, econômicos, religiosos, etc. Kafka escreve que

o que no seio das grandes literaturas ocorre em baixo e constitui como que uma cave não indispensável ao edifício, aqui ocorre em plena luz; o que lá provoca um tumulto passageiro, aqui não provoca nada menos do que uma sentença de vida ou de morte (KAFKA, apud DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26).

É oportuno aqui observar que uma das marcas deslegitimadoras dos relatos da literatura de cárcere, a saber, a ideia de que ela é uma escrita produzida sem uma dimensão política porque são escritos de presos comuns e não de presos políticos, sugere que aí existe uma dimensão política cuja amplitude talvez seja insuportável para a maioria. Além disso, é preciso lembrar que na literatura de cárcere, tanto na sua produção como na sua divulgação, a proposição e o tratamento de determinadas questões podem, também, realmente levar à decretação de uma sentença de morte do escritor ou dos envolvidos na questão.

Nela tudo é coletivo: na literatura menor a escrita é expressa sem fortes traços marcantes de grandes mestres, mas é uma escrita comum de obras quase indistinguíveis entre si. Em suas histórias é difícil perceber o que é vivido/ falado/ pensado por um e o que é vivido/ falado/ pensado por outro, pois o indivíduo se encontra e se perde no coletivo. É uma espécie de literatura popular de uma comunidade marginal em que “o enunciado não remete a um sujeito de enunciação que seria sua causa, assim como também não remete a um sujeito de enunciado que seria seu efeito” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 27), e em que, portanto, dicotomias como autor/ leitor, narrador/ personagem, herói/ vilão, etc., não fazem o menor sentido. Os relatos da literatura de cárcere brasileira recente não possuem grandes mestres que fazem “escola”, mas, sim, inúmeros pequenos aprendizes que

NICODEMOS, Marcio

É o diário filosófico uma possibilidade de resistência em tempos sombrios?

simplesmente escrevem o que vivem/ falam/ pensam em cartas e diários, que algumas poucas vezes se tornam livros em que é quase impossível fazer uma leitura à maneira clássica, pois ali não há um autor levando adiante a encenação de um drama com seus personagens habitando uma narrativa sob os olhos morais de um leitor, há apenas sobreviventes.

Considerando a análise das três características que, segundo Deleuze e Guattari, uma literatura menor possui, parece que podemos dizer que, sim, os relatos da literatura de cárcere podem ser considerados como uma literatura menor e que, portanto, podemos nos apropriar do termo “menor” não mais como uma crítica negativa, mas como uma potência positiva capaz de inspirar a criação de uma possível resistência por meio de uma literatura “menor” de tempos sombrios.

Escrever um diário filosófico!

Em seu ensaio *As formas literárias da filosofia*, a filósofa Jeanne Marie Gagnebin discute as relações problemáticas entre literatura e filosofia. Uma questão interessante da qual ela trata é o duplo clichê preconceituoso de distinção de que a literatura apenas veicularia “conteúdos filosóficos” enquanto a filosofia, por sua vez, apenas assumiria “formas literárias”; o que seria como assumir que o filósofo pensa para buscar a verdade, mas não escreve muito bem, enquanto o escritor escreve muito bem expressando beleza, mas não pensa. Segundo ela, basta olharmos para as obras da literatura ou da filosofia para ver que essa distinção entre conteúdo e forma, verdade e beleza e, conseqüentemente, entre literatura e filosofia, não é tão simples de ser observada e, portanto, talvez, não exista (GAGNEBIN, 2006, pp. 201-203).

Afinal, “qual seria a ‘verdade’ que almejam os Diálogos de Platão, se esquecermos a forma literária ‘diálogo’?” (GAGNEBIN, 2006, p. 204), ou qual seria a beleza que almejam os problemas metafísicos de Clarice Lispector, se esquecermos o caráter filosófico desses problemas? Essas duas perguntas instigantes poderiam abrir uma sequência de outras perguntas igualmente instigantes, tanto em relação à filosofia como em relação à literatura, envolvendo autores, conteúdos e formas. A armadilha que nos leva a tentar responder a essas perguntas depurando um conteúdo

NICODEMOS, Marcio

É o diário filosófico uma possibilidade de resistência em tempos sombrios?

filosófico de verdade puro e indispensável de uma forma literária de beleza impura e dispensável, ou expondo uma forma de beleza pura e indispensável de um conteúdo filosófico de verdade impuro e dispensável, é a mesma que levou inúmeros filósofos a tentar fazer uma espécie de filosofia científica (não literária), tentando formalizar conteúdos argumentativos em uma linguagem lógica supostamente neutra, objetiva e precisa, ou que levou inúmeros literatos a tentar fazer uma arte pela arte (não filosófica), tentando estetizar formas de expressão literária independentemente do conteúdo. Tanto uns quanto outros caíram em inúmeras dificuldades devido a contradições lógicas, estéticas e incoerências conceituais. Poderíamos perguntar, por exemplo, qual seria a verdade que almeja o *manifesto científico* do Círculo de Viena, se esquecermos a forma literária manifesto científico? Ou: qual seria a beleza que almeja o poema *Coração que sofre*, de Olavo Bilac, se esquecermos o conteúdo filosófico do sofrimento humano?

Podemos dizer com Gagnebin que aquilo que Clarice Lispector ou

(...) aquilo que Platão nos transmite[m] não é nenhum sistema apodítico, nenhuma verdade proposicional, mas, antes de mais nada, uma experiência: a do movimento incessante do pensar, através da linguagem racional (*logos*) e para além dela — "para além do conceito através do conceito", dirá também Adorno (GAGNEBIN, 2006, p. 204).

Ou seja, por meio de diferentes autores, sejam filósofos ou literatos, por meio de inúmeras obras, independentemente de seus conteúdos e formas, sejam diálogos, poemas, aforismos, ensaios, tratados, confissões, cartas ou diários, tratem de problemas metafísicos, epistemológicos, éticos, políticos ou estéticos, o que nós temos é uma experiência. E aqui é interessante notar que o professor Aulus Mandagará Martins, em seu já mencionado artigo, diz que “a proposta é que a literatura de cárcere, mais do que narrar um confinamento prisional, define-se pela ‘presença de um testemunho de uma experiência carcerária’” (MARTINS, 2013, p. 193).

O conceito de experiência como uma proposta de movimento de pensamento incessante por meio da escrita, para além dela e de volta, expressa em diversas formas literárias e transitando por diversos conteúdos filosóficos, poderia, finalmente, nos levar a perguntar: qual seria a melhor forma literária para expressar um conteúdo filosófico de uma experiência de tempos sombrios? É difícil responder

NICODEMOS, Marcio

É o diário filosófico uma possibilidade de resistência em tempos sombrios?

a essa pergunta, pois os tempos sombrios do nazismo na Alemanha, por exemplo, criaram as mais diversas obras, algumas já mencionadas aqui, assim como os tempos sombrios do cárcere, do bolsonarismo e da pandemia criaram e estão criando, com a proposta de ser uma literatura menor de testemunho e de possibilidade de experiência de resistência.

Entretanto, vale ressaltar que as mais populares e inspiradoras obras de literatura menor de testemunho e de possibilidade de resistência da época dos tempos sombrios nazistas e do cárcere são diários de pensamentos: o *diário de Anne Frank*, da jovem judia Anne Frank, e o *diário de um detento*, do ex-presidiário Jocenir Prado, cantado pelo *rapper* Mano Brown. Assim como, recentemente, tivemos a publicação de duas significativas obras de literatura menor de testemunho e de possibilidade de resistência da época dos tempos sombrios do bolsonarismo e da pandemia que também são diários: o *Diário da catástrofe brasileira - ano I - o inimaginável foi eleito*, do jovem escritor Ricardo Lísias (2020), e o *Diário da pandemia - o olhar dos historiadores*, de organização dos historiadores Dominichi Miranda de Sá, Gisele Sanglard, Gilberto Hochman & Kaori Kodama (2020). O que esses diários de autores, leitores, línguas, tempos, espaços e questões tão diferentes parecem ter em comum, além da forma literária *diário* e do conteúdo filosófico de *reflexões*?

Todos são criações de escrita de uma literatura de testemunho menor (desterritorializados, políticos e coletivos) em que a vida/ voz/ pensamento/ assume a forma de um depoimento rouco: pesado, difícil, feio, incômodo, mas capaz de emanar uma luz igualmente rouca que inspira uma possibilidade de resistência frente a um tempo sombrio em que a raiva e a impotência só encontram fim na esperança. Podemos fazer nossas as palavras da filósofa Jeanne-Marie Gagnebin, em seu ensaio *O rumor das distâncias atravessadas*, sobre a obra *Em busca do tempo perdido*, do escritor Marcel Proust, em que ela diz que tal empreendimento de escrita

trata-se, no fundo, de lutar contra o tempo e contra a morte através da escrita — luta que só é possível se morte e tempo forem reconhecidos, e ditos, em toda a sua força de esquecimento, em todo o seu poder de aniquilamento que ameaça o próprio empreendimento do lembrar e do escrever (GAGNEBIN, 2006, p.146).

Então, seria o diário de pensamentos a melhor forma literária para expressar um conteúdo filosófico de uma experiência de resistência em tempos sombrios? O

professor Márcio Seligmann-Silva, em seu artigo *O local do testemunho*, considera que “vendo o testemunho como o vértice entre a história e a memória, entre os «fatos» e as narrativas, entre, em suma, o simbólico e o indivíduo, esta necessidade de um pensamento aberto para a linguagem da poesia no contexto testemunhal fica mais clara.” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.179). O diário de pensamentos é o elo entre autor, leitor, tempo, espaço e evento: o próprio objeto “diário” é ele mesmo, ao mesmo tempo, elemento de testemunha histórica e mnemônica do evento acontecido, elemento factual que contém narrativa e elemento narrativo que se deu no fato, símbolo das crenças, valores e desejos de um indivíduo e individualização do simbólico coletivo de experiência, pensamento literário-filosófico e filosófico-literário.

A potência que guarda pode ser transformada em energia mesmo muitos anos depois dos fatos passados, justamente porque na estrutura do texto entrecruzam-se, em uma trama, a vida íntima com a pública, o trabalho literário com as marcas do «real». No limite, tendemos a ver nestes diários uma *escrita performática* (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.179)

É justamente essa potência transformadora de escrita performática presente que vemos como uma possibilidade de resistência em tempos sombrios.

O diário de pensamentos não é escrito apenas com grafite de lápis ou tinta de caneta sobre folhas de papel encadernadas: é escrito com a própria vida em seu empreendimento de resistência contra a morte; é escrito escondido, solitário, em silêncio, à luz de velas, mas também é escrito manifesto, conjunto, em meio ao tumulto, à luz de holofotes; é escrito em folhas brancas, amarelas, marrons, lisas, amassadas, rasgadas, coladas; é escrito com grafite, tinta, suor, lágrimas, sangue; é escrito com textos, rasuras, desenhos; é escrito vagarosamente ou apressadamente; é escrito com agonia e alívio, compaixão e violência, preocupação e resiliência. É escrito sem início e sem fim, com muitas perguntas e poucas respostas, pois é escrito com fragmentos do que é preciso dizer do indizível, com movimentos do que é preciso pensar do impensável, com sobras do que é preciso viver do invivível; é depoimento escrito no caminhar “com a cabeça na mira de uma HK”.

O filósofo Michel Foucault, em seu ensaio *A escrita de si*, a partir da leitura de Sêneca, Epicteto e Plutarco, e fazendo eco às suas vozes, nos apresenta um tipo de escrita (etopoiética) em que o exercício do pensamento encontra na escrita uma

NICODEMOS, Marcio

É o diário filosófico uma possibilidade de resistência em tempos sombrios?

instância revigorante e uma força transformadora: uma instância revigorante, pois é um ponto de um exercício circular que vai do pensamento à escrita e da escrita de volta ao pensamento fortalecendo-o; e transformadora, pois é capaz de modificar o próprio pensamento enquanto discurso (*logos*) em ação (*êthos*) (FOUCAULT, 2004). Embora ele esteja tratando de uma forma literária a qual denomina de *cadernos de notas* (*hupomnêmata*) e ressalte que estes não devem ser entendidos como *diários de pensamentos* devido a especificidades em relação ao objetivo (constituição de si, não narrativa de si) e ao contexto cultural (autoridade da tradição, não relato do vivido) em que eles têm lugar. Pensamos que o *diário de pensamentos*, tal qual foi considerado até aqui, pode, também, ser uma escrita etopoiética: tanto no sentido de fortalecer o pensamento a partir de uma reflexão sobre si mesmo no diálogo com a escrita, como no sentido de propiciar, muitas vezes, um convite do discurso à ação; tanto no sentido de objetivar uma constituição de si que se dá por uma narrativa de si, como no sentido de contextualizar o dito narrando o indizível.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BARROS, Vanessa; SILVA, Luciana; BARROS, Carolyne (orgs.). *Relatos do cárcere: pequeno vocabulário de afetos do cotidiano prisional*. Belo horizonte: Instituto DH, 2019.
- BRECHT, Bertold. *Aos que vierem depois de nós* (poema). Tradução de Manuel Bandeira. Caderno Mais!, jornal Folha de São Paulo, edição de 07 set. 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago editora, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: *Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2004.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

NICODEMOS, Marcio

É o diário filosófico uma possibilidade de resistência em tempos sombrios?

LIMA, William da Silva. *Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho* - 2. ed. - São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

LÍSIAS, Ricardo. *Diário da catástrofe brasileira - ano I - o inimaginável foi eleito*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

LOURENÇO, Samuel. *Além das grades*. Rio de Janeiro: Multifoco, Notaterapia, 2018.

MANO BROWN dispara e revela [...]. Rolling Stone Brasil, [S.l.], 22 mai. 2020. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/mano-brown-dispara-e-revela-raiva-de-bolsonaro-faz-piada-em-cima-de-11-mil-mortes-por-dia/>. Acesso em 14 jun. 2020.

MARTINS, Aulus Mandagará. *O corpo e a voz da prisão: testemunho e experiência na literatura de cárcere*. In: Acta Scientiarum. Language and Culture Maringá, v. 35, n. 3, p. 193-202, July-Sept., 2013.

MENDES, Igor. *A pequena prisão*. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PIRES, Thula; FREITAS, Felipe (orgs.). *Vozes do cárcere: ecos da resistência política*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.

PRADO, Jocenir. *Diário de um detento: o livro*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

RACIONAIS MC's. *Sobrevivendo no inferno*. São. Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RACIONAIS MC'S. *Diário de um Detento* in: *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997 (72 minutos).

SÁ, Dominichi Miranda de; SANGLARD, Gisele; HOCHMAN, Gilberto; KODAMA, Kaori (org.). *Diário da pandemia - o olhar dos historiadores*. São Paulo: HUCITEC Editora, 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O Local do testemunho*. In: Revista Metamorfoses v. 10, n. 2, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metamorfoses/article/view/21820/12159> Acesso em: 14 abr. 2020.